

Por uma “ecologia religiosa”: uma análise de discurso do Sínodo para a Amazônia na cobertura do G1

For a “religious ecology”: a discourse analysis of the Synod for the Amazon in the coverage of G1

Kevin Kossar Furtado

Pós-doutorando em Sociologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Ciências Sociais Aplicadas e bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Email: kevin@aol.com.br.

Marco Túlio de Sousa

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Unidade Email: marcotuliosousa@hotmail.com.

Resumo

Realiza-se uma leitura discursiva da cobertura temática do portal de notícia brasileiro G1 sobre a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica, ocorrida entre 6 e 27 de outubro de 2019, no Vaticano. Neste texto, distinguiram-se as publicações do G1 que diziam respeito diretamente ao sínodo e as que tratavam de pautas tangenciais. A partir da análise de discurso francesa de orientação pecheutiana, 12 reportagens foram analisadas. Verificamos que o G1 abordou as questões colocadas pelo sínodo na perspectiva da factualidade dos acontecimentos, conforme discutidos e desdobrados na assembleia dos bispos. A cobertura destacou as pautas ambiental e social em detrimento dos temas religiosos. As discussões no evento sobre as ameaças às diferentes formas de vida na Amazônia receberam maior destaque na cobertura. A Igreja católica se posicionou politicamente em defesa do meio ambiente, como aliada da ciência e ressignificou a questão ecológica como preocupação religiosa.

Palavras-Chave

Sínodo para a Amazônia, G1, Cobertura jornalística, Análise de discurso, Igreja católica.

Abstract

A discursive reading of the thematic coverage of the Brazilian news portal G1 on the Special Assembly of the Synod of Bishops for the Pan-Amazon Region, which took place between October 6 and 27, 2019, in the Vatican, is carried out. In this text, the publications of the G1 that were directly related to the synod and those that dealt with tangential agendas were distinguished. From the French discourse analysis of Pecheutian orientation, 12 reports were analyzed. We found that the G1 addressed the issues raised by the synod from the perspective of the factual events, as discussed and unfolded in the bishops' assembly. The coverage highlighted environmental and social issues to the detriment of religious themes. Discussions at the event on threats to different ways of life in the Amazon were given greater prominence in the coverage. The Catholic Church took a political stance in defense of the environment, as an ally of science and re-signified the ecological issue as a religious concern.

Keywords

Synod for the Amazon, G1, News coverage, Discourse analysis, Catholic church.

Introdução

O presente trabalho faz parte de um projeto de pesquisa dos autores que – neste caso – na perspectiva do jornalismo religioso, analisa tematicamente e discursivamente como portais de notícias brasileiros (*BBC Brasil, El País Brasil, Folha de S.Paulo, G1, O Estado de S.Paulo e UOL*) abordaram a *Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica – o Sínodo para a Amazônia* – nos dias do evento, entre 6 e 27 de outubro de 2019. Tais portais foram escolhidos pela sua representatividade no contexto midiático brasileiro.

Neste artigo, o foco será nas publicações do *G1*. Criado em setembro de 2006, o portal integra o Grupo Globo, maior conglomerado midiático no Brasil. De acordo com pesquisa de audiência digital da Comscore, o *G1* teve 3,1 bilhões de acesso em 2018, sendo líder no país na categoria notícias (*G1, 2018*). Desse modo, analisar a cobertura do portal permite encontrar indícios sobre a postura editorial de uma das organizações de mídia mais influentes no cenário brasileiro a respeito de um evento de caráter religioso que associa o catolicismo, religião de 64,6% da população (*INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012*), à preocupação com o cuidado com o meio ambiente na região Pan-Amazônica, que abrange partes do território de Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname e que sofre atualmente com a exploração criminosa de seus recursos naturais.

Para realizar a análise, foram coletados textos publicados pelo *G1* nos dias em que o *Sínodo para a Amazônia* transcorreu. A partir da coleta, foi feita uma leitura discursiva tendo por referência a análise de discurso francesa de orientação pecheutiana (*ORLANDI, 2015*). A partir disso, buscamos entender os sentidos construídos pelo portal sobre o evento.

No próximo item explicamos o sentido do *Sínodo para a Amazônia* e o contexto em que se deu a sua realização. Na sequência, apresentamos a metodologia de análise e, por fim, a análise e as conclusões a que chegamos a partir desse itinerário teórico analítico.

O Sínodo para a Amazônia e o seu contexto

Um sínodo dos bispos consiste em um evento que tem origem a partir de convocação papal com o fim de se discutir e trabalhar assuntos que o pontífice avalia como de extrema relevância. A prática foi instituída pelo Papa Paulo VI em 1965 com o objetivo de preservar o “espírito e o método” do Concílio Vaticano II na Igreja (*FRANCISCO, 2015, p. 2*). Trata-se de um instrumento consultivo que, por meio de estudos, consultas e assembleias, os bispos deliberam e apresentam ao Papa um documento com recomendações que ele pode ou não acolher. Além dos prelados, participam a convite da instituição membros da sociedade civil, pesquisadores etc.¹

O *Sínodo para a Amazônia* foi o quarto realizado sob o pontificado do Papa Francisco e o 29º na história da Igreja.² O anúncio da sua realização se deu no dia 15 de outubro de 2017, em Roma. A assembleia especial seria constituída para discutir os caminhos da Igreja católica e a ecologia integral na região Pan-Amazônica (*HUMMES, 2019, p. 9*). O documento preparatório do sínodo – que tem por objetivo indicar diretrizes que guiarão as reflexões e os

¹ De 2021 a 2023 a Igreja católica está realizando um novo sínodo que traz como novidade uma ampla consulta aos fiéis de todas as dioceses espalhadas pelo mundo. Com isso, o Papa Francisco expressa seu desejo por uma Igreja “sinodal”, em que os caminhos sejam trilhados em conjunto por toda a comunidade católica.

² Conforme informações do site da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/synod/pt/assembleias-sinodales.html>. Acesso em: 13 out. 2022.

trabalhos daqueles envolvidos no processo sinodal – aponta para a crise resultante da ação humana que, conforme aponta a encíclica *Laudato si'* do Papa Francisco, promove a “cultura do descarte” (FRANCISCO, 2015) e da mentalidade extrativista que afeta a floresta amazônica, região biodiversa, multiétnica, pluricultural e plurirreligiosa. O documento considera que as reflexões do sínodo superam o âmbito eclesial amazônico e são relevantes para todo o planeta (REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA, 2018, p. 5).

A etapa preparatória ao sínodo envolveu toda a Igreja católica da região Pan-Amazônica, bispos, missionárias(os), integrantes de outras igrejas e representantes dos povos indígenas, culminando na produção do *Instrumentum laboris* (ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019), documento de trabalho e consulta do sínodo. Participaram ativamente desse processo mais de 87 mil pessoas de diferentes cidades e culturas, incluindo acadêmicos e organizações da sociedade civil (SANTA SÉ, 2019, p. 12).

No *Documento final*, fruto das reflexões do sínodo, entregue ao Papa Francisco, os participantes manifestaram a consciência da destruição que se impõe à Amazônia, que implica o desaparecimento do território e seus habitantes, sobretudo os povos indígenas. Indica-se que a floresta amazônica, “coração biológico” do planeta, está cada vez mais ameaçada, exigindo mudanças radicais urgentes para salvá-la, e a comprovação científica de que o desaparecimento do bioma amazônico causará um impacto catastrófico para o resto do planeta (SANTA SÉ, 2019, p. 11-12). Na exortação resultante do sínodo, o Papa Francisco optou por não desenvolver todas as questões levantadas pelo *Documento final* (SANTA SÉ, 2019), substituiu-o ou repetiu-o, estimulando consultá-lo integralmente, desenvolvê-lo e aplicá-lo (FRANCISCO, 2020).

De acordo com Carvalho Neto (2020), o *Sínodo para a Amazônia* representou a convergência e integração da Igreja católica em três direções: 1) defesa do meio ambiente (a casa comum); 2) percepção da importância da região amazônica para o equilíbrio ambiental e, por fim, 3) reconhecimento da cultura dos povos tradicionais, sobretudo os indígenas, que habitam o território, na manutenção da biodiversidade. Esses movimentos levaram a instituição à busca por “a) construção de uma alternativa planetária, do que poderíamos chamar de novo paradigma civilizatório; b) uma enculturação, da qual resulte uma Igreja com face amazônica” (CARVALHO NETO, 2020, p. 33-34).

A *Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica* transcorreu de 6 a 27 de outubro de 2019. O documento do sínodo pontuou a maciça presença da mídia internacional na sua cobertura (SANTA SÉ, 2019, p. 11). Tal interesse da mídia não religiosa pode ser compreendido pela importância da realização de um sínodo para a comunidade católica espalhada pelo mundo, pelo fato de se abordar a Amazônia, região sempre lembrada pela sua importância ecológica, e de envolver uma área abrangente ocupada por nove países. Além disso, podemos citar, a partir de Carvalho Neto (2020), três outros fatores atraíram a atenção da mídia:

- a) a repercussão internacional da ampliação das queimadas na Amazônia e do posicionamento do governo federal brasileiro; b) a proximidade da Conferência do Clima da ONU (COP 25), que se realizaria em Madrid (2 a 13/12/2019), para discutir o desenvolvimento do Acordo de Paris (2015), no qual previam-se posições negacionistas do governo norte-americano (Trump) e desviantes ou defensivas do governo brasileiro (Bolsonaro); c) as mudanças possíveis no funcionamento, disciplina e liturgia da Igreja católica, contra as quais reagem os conservadores e tradicionalistas, que se opõem ao Papa Francisco. (CARVALHO NETO, 2020, p. 34).

Ao analisar a cobertura das revistas *CartaCapital*, *IstoÉ*, *Época* e *Veja*, Carvalho Neto (2020) indica que houve, por parte das publicações, referências diretas ou indiretas à oposição

entre as posturas do Papa Francisco (e de integrantes do sínodo) e do governo Bolsonaro. Neste artigo, nosso foco será compreender os sentidos construídos pelo portal *G1* sobre o evento nos dias em que ocorreu a assembleia. Para tanto, recorreu-se como à teoria da análise de discurso francesa de orientação pecheutiana.

Metodologia e análise de discurso

Em um trabalho de verificação da cobertura do *Sínodo para a Amazônia* por veículos de imprensa brasileiros, efetuamos uma averiguação em seis portais de notícias (*BBC Brasil*, *El País Brasil*, *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *G1* e *UOL*) nos dias de realização do evento, de 6 a 27 de outubro de 2019, usando dos mecanismos de pesquisa refinada dos sites a partir dos termos “sínodo”, “bispos”, “Amazônia”, “sínodo da Amazônia”, “Vaticano”, “Papa” e “Francisco”. Os textos foram coletados por um dos autores nos dias em que sínodo transcorreu.

O objetivo foi encontrar as reportagens que se referiam à assembleia sinodal, fosse direta ou indiretamente. O quadro abaixo mostra o número de reportagens encontradas nos veículos de mídia pesquisados.

Quadro 1 – Reportagens sobre o *Sínodo da Amazônia* na mídia brasileira

Portal de notícias	Reportagens
<i>BBC Brasil</i>	-
<i>El País Brasil</i>	2
<i>O Estado de S.Paulo</i>	-
<i>Folha de S.Paulo</i>	-
<i>G1</i>	12
<i>UOL</i>	55

Fonte: Os autores.

Neste artigo, especificamente, concentramos nossa atenção na abordagem do *G1*, que publicou textos sobre o sínodo nos dias 6, 7, 8, 9, 14, 17, 21, 22, 26 e 27 de outubro. O *UOL* e o *EL País Brasil*, que também veicularam conteúdos sobre o tema, serão analisados em outros trabalhos.

Após a coleta dos 12 textos, procedemos a uma primeira leitura pela qual foi possível agrupar os materiais veiculados em dois tipos: a) os que abordaram diretamente o sínodo, trazendo os assuntos debatidos, entrevistas de lideranças envolvidas e repercussões; b) os que o abordaram de maneira indireta, que tem por foco outro tema. Assim, identificou-se que nove textos abordaram diretamente o evento, os quais foram divididos em sete categorias temáticas: 1) Significado do sínodo – e seus pontos de discussão; 2) Queimadas na Amazônia; 3) Ameaças à vida na Amazônia; 4) Atividades exploratórias na Amazônia; 5) Relato de participante; 6) Defesa dos povos tradicionais e indígenas; e 7) Documento final e propostas do sínodo. Já os três textos restantes não se dedicavam ao evento, mas o mencionavam em algum momento, dada a sua afinidade com o assunto. O quadro 2 sistematiza a distribuição de textos segundo o enfoque.

Quadro 2 – Temas das reportagens do *G1* sobre o *Sínodo para a Amazônia*

Diretamente relacionados ao sínodo	Quantidade
Significado do sínodo	1
Queimadas na Amazônia	1
Ameaças à vida na Amazônia	2

Atividades exploratórias na Amazônia	1
Relato de participante	1
Defesa dos povos tradicionais e indígenas	1
<i>Documento final</i> e propostas do sínodo	2
Indiretamente relacionados ao sínodo	Quantidade
Reunião informal do Papa com indígenas	1
Missa em defesa dos pobres e da floresta	1
Roubo de estátuas indígenas	1

Fonte: Os autores.

A partir das categorias, procurou-se identificar os sentidos construídos sobre o sínodo. Para tanto, recorreu-se à análise de discurso francesa de inspiração pecheutiana. Trata-se de um método que nos parece adequado aos objetivos deste trabalho, visto que permite perceber como a ideologia se manifesta na língua por meio dos textos.

A análise de discurso tem como fundador Michel Pêcheux e nasce como uma teoria de entremeio, isto é, que constitui no diálogo entre outros campos do saber, notadamente: a Linguística, o marxismo e a Psicanálise. Da Linguística herda a percepção da língua como objeto de análise com “ordem própria” (ORLANDI, 2015, p. 17). Ou seja, com normas que lhes são peculiares e que lhe diferenciam de outras materialidades.

Para a análise de discurso, a língua posta em funcionamento nas suas formas materiais não corresponde a algo abstrato, mas sim em uma “forma encarnada na história para produzir sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 17). Tal visão bebe no marxismo, sobretudo na perspectiva materialista da história. Segundo Orlandi (2015, p. 17), “há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente”. Enquanto se vive a história, ela é construída sem que se perceba que cada palavra, cada ato, cada gesto significam e atualizam a história por uma língua mutável, construída ao longo do tempo em relação com a sociedade que a circunda. A história nos parece transparente, tal como a língua.

Tal “efeito de evidência” dos sentidos só é possível porque se reconhece, a partir da Psicanálise, que o sujeito é descentrado, sendo permeado por identificações inconscientes. Ele não tem controle do modo como a língua e a história lhe afetam. É interpelado pela ideologia e os sentidos se manifestam como evidentes.

A evidência do sentido – a que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam como uma dominante. (ORLANDI, 2015, p. 44).

Ou seja, há um esquecimento constitutivo pelo qual não nos damos conta dessas filiações que integram o dizer, que faz-nos tomar como transparente aquilo que, em realidade, só significa pela sua inscrição na história e na língua. “O que é dito em outro lugar também significa em ‘nossas’ palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2015, p. 30).

Não obstante, a língua em funcionamento não é estanque. Caso contrário, estaríamos limitados a um círculo vicioso de repetição contínua do que já está posto. Se, de um lado, há o lugar do “já-dito”, do interdiscurso, que fornece sustentação para cada tomada de palavra, há também um lugar de inovação e atualização que se dá pelos acionamentos particulares da língua pelos indivíduos nas condições de produção que lhes são colocadas. Como diz Orlandi (2015, p. 31), “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”. A noção de memória aqui se aproxima com a de interdiscurso. Trata-se do lugar do “pré-construído”, de um “antes” ao qual o sujeito da atualidade recorre para produzir sentido “hoje” (ORLANDI, 2015, p. 29).

Em sua investigação, o pesquisador deve levar em conta esses processos de sedimentação e atualização, os processos de paráfrase (que tendem para a estabilização) e os de polissemia (que tendem para o deslocamento) e como eles se articulam às condições de produção dos enunciados analisados. As condições de produção compreendem tanto as “circunstâncias de enunciação”, isto é, o contexto imediato, quanto o contexto sócio-histórico e ideológico.

Para este trabalho, o exame dos materiais escolhidos se pautou nos conceitos de memória, condições de produção, paráfrase e polissemia da análise de discurso (ORLANDI, 2015). Nesta pesquisa, ao nos depararmos com os textos que são objetos de análise, levamos em consideração: a) que os textos foram produzidos por um grande grupo empresarial de mídia do Brasil e veiculados na internet, onde têm amplo acesso por público variado; b) que o *Sínodo para a Amazônia* teve caráter religioso, visto dizer respeito à Igreja católica e à sua atuação na região, mas também possui caráter político, pois abordou princípios de governança que a instituição esperava servirem de referência para as autoridades da região, bem como para religiosos e leigos; c) que na época do evento, o Brasil era governado por um grupo político de extrema-direita cujas políticas voltadas para o meio ambiente foram criticadas dentro e fora do país; e d) que as palavras escolhidas para falar do sínodo além de se vincularem ao contexto apresentado, também possuem filiações históricas.

Considerando as condições de produção dos dizeres é que as reportagens são analisadas. Para fins de sistematização, os textos foram agrupados conforme a sua pertença aos grupos temáticos.

Significado do sínodo e seus pontos de discussão

Em *Sínodo dos Bispos sobre a Amazônia: entenda o que está em discussão* (06/10/2019), o *GI* situou que o encontro discutiria temas ambientais, sociais e da Igreja católica dos nove países que formam a região amazônica (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela), reunindo bispos, padres e religiosas da região, além de estudiosos, integrantes da Organização das Nações Unidas (ONU) e membros da Cúria Romana, destacando a maciça participação de brasileiros, caso do relator-geral do sínodo, dom Cláudio Hummes.

A reportagem explicou a terminologia e o propósito de um sínodo, as motivações religiosas da discussão da Amazônia (dificuldades da Igreja atender os povos da região, em especial os indígenas; a falta de religiosos e a carência de serviços públicos que faz com que a Igreja preste serviços de assistência social; a preocupação do Papa com a pauta ambiental, expressa anteriormente na encíclica *Laudato si'*; a liderança das mulheres nas comunidades cristãs; o diálogo com os evangélicos e outros grupos religiosos) e os principais pontos da pauta do documento que orientou a reunião: a situação das comunidades indígenas e ribeirinhas, dos povos isolados; a exploração internacional dos recursos naturais da Amazônia; a violência, o narcotráfico e a exploração sexual; o extrativismo ilegal e/ou insustentável; o desmatamento, o acesso à água limpa e as ameaças à biodiversidade; o aquecimento global e possíveis danos à Amazônia; a convivência de governos com projetos que afetam o meio ambiente.

Citou-se “a preocupação funcional [do governo federal brasileiro] com alguns pontos da pauta” do sínodo, conforme exposto pelo Gabinete de Segurança Institucional (GSI) em nota publicada em fevereiro de 2019 em resposta ao jornal *O Estado de S.Paulo*, que afetariam, “de certa forma, a soberania nacional” (ESTADÃO CONTEÚDO, 2019). A reportagem esclareceu que um sínodo não projeta soluções técnicas, mas apresenta princípios para que os envolvidos diretos na situação – os líderes da Igreja na Pan-Amazônia –, busquem

saídas para os dilemas enfrentados. Dom Cláudio Hummes precisou que, quando as partes envolvidas nos temas não estivessem abertas ao diálogo, seria função da Igreja “denunciar os problemas e propor novos caminhos” (G1, 2019).

Explicitam-se as condições de produção do evento sínodo tanto em sentido estrito quanto em sentido amplo, os contextos imediato e socio-histórico e ideológico, respectivamente (ORLANDI, 2015, p. 28) para se entender “o que está em discussão” (G1, 2019). O sentido estrito está posto na discussão inter-relacionada de meio ambiente, sociedade e Igreja, com atores multidisciplinares (religiosos, estudiosos – embora não se especifique de quais áreas – e organismos supranacionais), especificidades da configuração do evento que acenam para tensões entre os processos parafrásticos e polissêmicos (ORLANDI, 2015, p. 34) no decorrer do sínodo. O destaque da predominante participação de brasileiros no evento, não obstante estivesse em questão a análise da realidade de nove países, aponta para a memória discursiva (ORLANDI, 2015, p. 29) do modo como a mídia brasileira trata pautas relacionadas com a região amazônica, se concentrando nos acontecimentos dados em solo nacional em detrimento daqueles ocorridos nos países vizinhos, restringindo a dimensão da Pan-Amazônia.

A explicação da terminologia e os objetivos de um sínodo, e os destaques da pauta do documento orientador da reunião também se inscrevem na perspectiva da memória discursiva, o interdiscurso, o já-dito sobre o estado das comunidades da região, a violência, as explorações, as ameaças à biodiversidade, a cumplicidade governamental no ataque ao meio ambiente, e o aquecimento global e possíveis danos à Amazônia.

Ao mesmo tempo em que aciona a memória discursiva – ao elencar ação da Igreja prestação de serviços de assistência social na região, marca histórica do catolicismo brasileiro, e as dificuldades de consecução da inculturação – a exposição da finalidade do sínodo e, por extensão, o interesse da Igreja na região Pan-Amazônica, aciona uma formulação discursiva de embate entre os processos parafrásticos e polissêmicos, entre os dizeres que se mantêm e os deslocamentos de significâncias (ORLANDI, 2015, p. 34), especificamente nos temas que envolvem a preocupação religiosa com os problemas ambientais que afetam o mundo (fazendo referência à memória discursiva da encíclica *Laudato si'*), a liderança feminina nas comunidades cristãs da região; e a possibilidade do diálogo entre católicos, evangélicos e outros grupos religiosos que habitam a Pan-Amazônia como possibilidades de ruptura no/do discurso.

Partem do sentido estrito de “preocupação” (ESTADÃO CONTEÚDO, 2019) do governo brasileiro, especificamente o GSI, com determinadas pautas do sínodo, as condições de produção em sentido amplo, o contexto socio-histórico e ideológico (ORLANDI, 2015, p. 28) em torno do evento, argumentando-se que tais pautas, de algum modo, colocariam em risco a soberania nacional (ESTADÃO CONTEÚDO, 2019), em mais uma das várias demonstrações críticas de membros do governo de Jair Bolsonaro às ações empreendidas pelo Papa Francisco.

Em uma paráfrase do discurso, em que se retorna aos mesmos espaços de dizer (ORLANDI, 2015, p. 34) com o esclarecimento de que um evento religioso como um sínodo apenas oferece princípios para que se encontrem alternativas para uma problemática, e, concomitantemente, em um deslocamento polissêmico contextual, ao considerar que o governo não está aberto ao diálogo, a Igreja sente-se no dever de “denunciar os problemas e propor novos caminhos” (G1, 2019) para a região Pan-Amazônica.

Queimadas na Amazônia

Na missa de abertura do sínodo reportada em *Papa Francisco diz que Amazônia precisa do 'fogo do amor' e não do 'fogo ateado por interesses que destroem'* (06/10/2019), o jornalista Filipe Domingues destacou as críticas feitas pelo Papa às queimadas na Amazônia e o uso da metáfora do fogo em todo o sermão. Para Francisco, “o fogo que ‘devastou recentemente a Amazônia’ foi ‘ateado por interesses que destroem’”, que a região amazônica necessita do “fogo do amor de Deus”, que não destrói, mas “aquece e dá vida”, que ela precisa de “fogo da missão” e não o “fogo que vem do mundo [e] devora povos e culturas”. Francisco não citou especificamente nenhum país, mas as queimadas que aumentaram na região em relação em 2018 (DANTAS, 2019) foram mencionadas. “Deus nos preserve da ganância dos novos colonialismos”, disse o Papa. Para ele, “as cinzas dos medos e a preocupação de defender o *status quo*” podem prejudicar a ação da Igreja na Amazônia. Francisco recordou as pessoas que perderam a vida por “testemunhar o Evangelho” na região (DOMINGUES, 2019d).

As condições de produção discursiva sobre o *Sínodo para a Amazônia* se manifestam, também, no fato de que nove das 12 matérias sobre o evento serem de autoria do jornalista Filipe Domingues, especialista em assuntos relacionados à Igreja católica, o que indica um investimento do Grupo Globo em uma cobertura particular do evento, reconhecendo a relevância do acontecimento para o público brasileiro e seu potencial de acirrar as tensões entre a Igreja e o governo local.

Os significados empregados para “fogo” pelo Papa Francisco (DOMINGUES, 2019d) se inscrevem em dois momentos do sentido da memória discursiva, um na ordem do intradiscurso, que relaciona o “fogo” com o contexto de destruição da Amazônica, concretamente nas queimadas, resultante “dos novos colonialismos”; e outro, em senso metafórico, na ordem do interdiscurso e, também, dos dizeres já ditos e esquecidos (ORLANDI, 2015, p. 30-31), que faz referência às acepções bíblicas e cristãs de “fogo”, como representação do “amor” divino, que “aquece e dá vida” e faz parte da “missão” (DOMINGUES, 2019d) da Igreja. Há permanência e desvio nos sentidos que se associam ao significante. Nas duas acepções o termo “fogo” está relacionado à ideia de ação transformadora. Entretanto, os efeitos de tal ação adquirem contornos particulares a depender da atuação dos sujeitos, o que faz com que haja deslocamento do sentido de destruição para o sentido de criação quando ele se associa ao âmbito religioso.

Ameaças à vida na Amazônia

Sínodo dos bispos começa refletindo sobre ‘ameaças à vida’ na Amazônia (07/10/2019) de Filipe Domingues reportou a primeira sessão do evento e a apresentação do seu relator-geral, o cardeal brasileiro dom Cláudio Hummes, sobre uma Amazônia “talvez nunca [...] tão ameaçada como hoje”. Os perigos enfrentados pelos habitantes locais foram o “fio condutor presente em praticamente todos os temas centrais do sínodo.” (DOMINGUES, 2019h). Entre os problemas estavam a destruição e exploração ambiental, a violação dos direitos dos povos indígenas, a crise climática e ecológica que atinge, também, todo o planeta, e o crescimento das periferias e migrações nas cidades da região amazônica.

Hummes indicou, a partir do *Instrumentum laboris*, documento que orientou os trabalhos do sínodo, os problemas da região objetos de análise: criminalização e assassinato de líderes e defensores dos territórios; apropriação e privatização de bens da natureza, como a água; concessões a madeiras legais e a entrada de madeiras ilegais; caça e pesca predatórias; megaprojetos, como hidrelétricas, concessões florestais, desmatamento para produzir monoculturas, estradas e ferrovias, projetos mineiros e petroleiros; contaminação ocasionada por indústrias extrativistas que causam problemas e enfermidades; narcotráfico;

problemas sociais associados, como alcoolismo, violência contra a mulher, prostituição de menores, tráfico de pessoas, perda da cultura originária e as condições de pobreza.

Domingues tocou nos temas internos da Igreja que o sínodo se propôs a tratar: a falta de padres e a possibilidade de ordenar homens casados de boa reputação, a liderança das mulheres em algumas comunidades e a interação das culturas indígenas nas práticas e ritos católicos.

A reportagem indicou que o sínodo se concentrou na ecologia integral.³ Para o Papa Francisco, os problemas sociais e econômicos possuem a mesma origem e demandam uma abordagem holística. Nesse contexto, a missão da Igreja da Amazônia se expressa, na fala de Hummes, em termos de uma Igreja “integrada na história e na realidade do território [,] atenta aos gritos de socorro e às aspirações da população [...], aberta ao diálogo [...] inter-religioso e intercultural, [...] desejosa de compartilhar um caminho” com outras igrejas, religiões, a ciência, governos, instituições, comunidades e pessoas, respeitando diferenças (DOMINGUES, 2019h).

No breve discurso informal feito pelo Papa no início da sessão, Francisco apontou as quatro dimensões do sínodo – pastoral, cultural, social e ecológica – e alertou contra as ideologias ameaçadoras da Amazônia que tendem a ignorar as diferenças entre as diferentes comunidades e homogeneizá-las (DOMINGUES, 2019h).

Da força parafrástica do discurso (ORLANDI, 2015, p. 34) da Amazônia sempre sob ameaça para uma ruptura e transformação polissêmica (ORLANDI, 2015, p. 35) da Amazônia “talvez nunca [...] tão ameaçada como hoje” (DOMINGUES, 2019h), o discernimento sobre os riscos que afetam os habitantes, “fio condutor [...] do sínodo” (DOMINGUES, 2019h), bem como as indicações do *Instrumentum laboris*, expressam uma filiação de dizeres sociais e religiosos e permitem identificar a historicidade e memória discursiva (ORLANDI, 2015, p. 30) construída sobre a região.

No jogo entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2015, p. 34), o mesmo do discurso se apresenta nas afirmações do Papa Francisco de que a missão da Igreja se constitui em se integrar na história e realidade do povo que habita a Pan-Amazônia, ouvindo suas necessidades e desejos, ao passo que o diferente do discurso está na articulação do referencial da “ecologia integral” pelo sínodo para efetivar o diálogo inter-religioso e intercultural com outras igrejas e religiões e, para além do âmbito eclesial, com as comunidades, instituições, governos e a ciência.

Em outra reportagem que apresentou as ameaças à vida na Amazônia, Filipe Domingues em *Cientista brasileiro no Sínodo diz que ‘Amazônia e seus habitantes estão ameaçados de extinção’* (09/10/2019) trouxe o alerta do climatologista brasileiro Carlos Nobre, expresso num encontro com a imprensa durante o sínodo, sobre a ameaça de extinção da vida na região amazônica, corroborando as preocupações do Papa Francisco. O integrante do Instituto Brasileiro de Pesquisas Espaciais (Inpe), que defendeu a ciência por trás dos temas levantados pelo pontífice, foi convidado ao encontro dos bispos para promover o diálogo entre ciência e religião. Para Nobre, o sínodo poderia ser uma reação ao “negacionismo climático” – o descrédito de que o aquecimento global decorre da ação humana. “O negacionismo climático é uma das nossas maiores ameaças [...]. Os negacionistas não são a maioria da população do mundo. A maioria das pessoas respeita a voz da ciência, que é muito sólida”. Os negacionistas representariam “uma parcela dos interesses econômicos dominantes” (DOMINGUES, 2019b) das últimas décadas.

³ Conceito central da *Laudato si'* do Papa Francisco que tensiona mudanças no sistema econômico, nas práticas culturais de consumo e de comportamento nas relações humanas (PASSOS, 2016, p. 151) em prol do bem comum.

De acordo com o cientista, a Amazônia está ligada ao clima, se constitui no “coração biológico” do planeta, em uma enorme reserva de carbono, reguladora do clima e possui máxima biodiversidade e enorme “sociodiversidade”. Nobre ressaltou que, embora seja um evento religioso, o sínodo pode difundir a ideia de que se precisa conservar a floresta para a região amazônica se desenvolver economicamente, promovendo uma “bioeconomia” (DOMINGUES, 2019b).

Na intervenção do climatologista brasileiro Carlos Nobre vem à tona o saber discursivo da memória “que fala antes” (ORLANDI, 2015, p. 29) na relação entre ciência e religião. Advoga-se a continuidade do diálogo da Igreja com a ciência, uma colaboração histórica entre as duas instâncias, embora cercada de controvérsias, para combater os perigos do “negacionismo climático” (DOMINGUES, 2019b) daqueles que, historicamente, através dos já-ditos nos discursos, consideram toda defesa de medidas mais rígidas do meio ambiente um exagero. Tal embate, a partir da fala de Nobre, na perspectiva polissêmica do discurso, revela as motivações dos negacionistas, leia-se, “interesses econômicos dominantes” e confere à Amazônia o sentido de, além de bio, sociodiversa, “coração biológico” do planeta, imprescindível para sua sustentação (DOMINGUES, 2019b).

Atividades exploratórias na Amazônia

Desmatamento, mineração e agropecuária exercidos de forma ilegal, sobretudo em terras indígenas, atividades classificadas de “predatórias”, um modelo de “extrativismo” desregulado, foi um dos temas do sínodo dos bispos noticiado em *Participantes do sínodo criticam atividades 'predatórias' na Amazônia, diz Vaticano* (08/10/2019) por Filipe Domingues. Entrevistado, o arcebispo de Huancayo, Peru, cardeal Pedro Ricardo Barreto Jimeno disse que a exploração na Amazônia se configura como uma preocupação de longa data da Igreja na região. “Muitos indígenas nos contam que nem os políticos nem a sociedade têm tempo para ouvi-los. É aí que entra a Igreja” (DOMINGUES, 2019f). O cardeal apontou que a Igreja deve denunciar situações de exploração dos recursos naturais e maltrato de pessoas, o que incluir ouvir as comunidades indígenas – cujos representantes a Igreja se encontra em contato.

Na reportagem, a antropóloga Moema Maria Marques de Miranda, integrante da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam) e auditora no sínodo, esclareceu que “a questão do uso econômico da floresta não está em discussão [no sínodo], mas sim que modelo e de que forma”. O resumo do dia divulgado pelo Vaticano e publicado na reportagem mostrou que “a defesa dos direitos humanos e o drama da criminalização dos líderes, das comunidades e dos movimentos sociais esteve entre os temas examinados” (DOMINGUES, 2019f), que a Igreja foi orientada a denunciar os modelos extrativos predatórios ilegais e violentos, e sustentar as normativas internacionais que tutelam os direitos humanos, sociais e ambientais.

Periféricamente, a reportagem mencionou uma palestra organizada pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) em que a líder indígena Ernestina Macuxi, de Roraima, assinalou que as comunidades indígenas realizam atividades econômicas sustentáveis compatíveis com a preservação das terras e de suas tradições. Jeremias Mura, líder do povo mura no Amazonas, defendeu a demarcação das terras indígenas e a proteção das terras pelas autoridades públicas (DOMINGUES, 2019f).

O sentido amplo das condições de produção, o contexto socio-histórico e ideológico (ORLANDI, 2015, p. 28), sobre o qual a Igreja se preocupa há tempos e que o sínodo se debruça, constitui-se de atividades “predatórias” e desreguladas, em que políticos não ouvem nem agem em prol das comunidades indígenas (DOMINGUES, 2019f). Ao propor uma atuação de ordem política, como representante dos marginalizados, a Igreja recupera um papel

de ordem política que nos remete a uma memória discursiva de um passado em que ela atuava em proximidade com o Estado. Entretanto, tal atuação não se dá por uma interferência política direta, enquanto instância que decide, mas sim na condição de mediação, de quem leva adiante e usa do seu lugar de influência para amplificar a voz daqueles que não são ouvidos. Se, por um lado, se recupera a memória da força política, por outro, essa memória se atualiza por dizeres que nos informam de outras condições de produção dos discursos em um estado laico.

Assim, produzindo diferentes formulações de dizeres sedimentados sobre direitos humanos, sociais e ambientes na Pan-Amazônica, na lógica da paráfrase do discurso (ORLANDI, 2015, p. 34), o sínodo faz referência a ordenamentos internacionais e a necessidade de aplicá-los na região para defesa de direitos e proteção dos povos, das terras e das atividades econômicas sustentáveis atreladas aos saberes tradicionais, e contra a criminalização de líderes, comunidades e movimentos sociais (DOMINGUES, 2019f).

Relato de participante do sínodo

Em *'Momento de diálogo, unidade e comunhão com toda a Igreja'*, diz padre Odirley Maia sobre Sínodo da Amazônia, no Vaticano (08/10/2019), Dominique Cavaleiro conversou com o religioso, administrador da Diocese de Santarém, no Pará, sobre os temas debatidos no encontro. O padre afirmou que embora seja “um evento para padres da Pan-Amazônia, aqui toda a Igreja está reunida para refletir sobre a região, devido a importância de encontrar novos caminhos para dar continuidade a evangelização”. Segundo o religioso, os participantes buscaram seguir o esquema de trabalho sugerido pelo Papa Francisco “de escuta, reflexão, discernimento e também de, através do Espírito Santo, falar com coragem sobre a realidade amazônica” (CAVALEIRO, 2019).

O líder católico participante do sínodo reitera, em modo parafrástico, processos já cristalizados (ORLANDI, 2015, p. 35) do discurso e ação da Igreja católica, cujo campo de atuação e projetos de evangelização abarcam todo o mundo, mesmo que se trate do contexto particularizado e regionalizado da Pan-Amazônia (CAVALEIRO, 2019). O método de trabalho adotado no sínodo se assenta parafrasticamente no retorno ao mesmo espaço dizível (ORLANDI, 2015, p. 35), na medida em que os procedimentos de “escuta, reflexão [e] discernimento” (CAVALEIRO, 2019) são constantes nos documentos do pontificado de Francisco e no modo como ele conduz a Igreja católica.

Defesa dos povos tradicionais e indígenas

A proposta do sínodo para a criação de um organismo exclusivo para defesa dos direitos humanos na Amazônia, sobretudo dos povos tradicionais e indígenas, foi tematizada em *Sínodo dos bispos cogita criar estrutura da Igreja para defender direitos humanos na Amazônia* (14/10/2019) de Filipe Domingues. O padre Giacomo Costa, secretário da comissão de informação do sínodo, disse da possibilidade de “se criar um observatório internacional sobre a violação dos direitos humanos” (DOMINGUES, 2019g). A reportagem contrapôs a proposta com a avaliação de alguns participantes de que bastaria manter as organizações já existentes e, de outros, da necessidade de ampliar a visibilidade internacional dos problemas na Amazônia.

A nova instituição promoveria o diálogo com outros organismos internacionais, incentivaria a colaboração das nações mais ricas com os nove países da Amazônia e a relação entre governos. Além da forma da possível nova estrutura não estar clara, os participantes

contrários à proposta lembraram as diversas agências da Igreja ativas na região para além das ordens religiosas e diocese: a Repam, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) – órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Cimi e a Cáritas (DOMINGUES, 2019g).

Pela paráfrase que retorna aos mesmos espaços de dizer no discurso (ORLANDI, 2015, p. 34), a proposição do sínodo para fundar uma organização para defender os direitos humanos na região, no modelo de um “observatório internacional” para dialogar com grupos internacionais e estimular países ricos a cooperar com os governantes da Pan-Amazônia (DOMINGUES, 2019g) foi confrontada, no que tende à estabilização do discurso, na compreensão de participantes desfavoráveis ao proposto, de que seria suficiente conservar as estruturas católicas vigentes, como Repam, CPT, Cimi e Cáritas, impedindo, em direção polissêmica, uma ruptura dos processos de significação (ORLANDI, 2015, p. 34).

Documento final e propostas do sínodo

As duas últimas reportagens publicadas pelo *GI* no período de realização do sínodo abordam o *Documento final* e as propostas do sínodo. Em *Documento do Sínodo da Amazônia propõe ordenação de homens casados, pede diaconato para mulheres e conceitua ‘pecado ecológico’* (26/10/2019), Filipe Domingues apresentou os principais pontos do texto final do evento, destacando que a defesa da Amazônia depende de uma “conversão ecológica e cultural” que passa pelo combate ao “pecado ecológico”, conceito elaborado no sínodo e definido como “uma ação ou omissão contra Deus, contra o próximo, a comunidade e o ambiente”, um “pecado contra as futuras gerações” (DOMINGUES, 2019c).

Entre os temas polêmicos, o sínodo propôs a ordenação de homens casados, em certas situações, para suprir a falta de padres na Amazônia. A reportagem esclareceu que as resoluções do sínodo são propostas que dependem da aprovação do Papa para efetivarem-se. O texto final foi votado por 181 dos padres sinodais com direito a fazê-lo. Todos os parágrafos do documento receberam a maioria de dois terços de votos necessários para aprovação. Os parágrafos que trataram dos padres casados e das mulheres diaconisas foram os que receberam menos votos para aprovação. O documento discute, ainda, a ampliação da defesa dos povos indígenas a partir da garantia legal dos territórios que ocupam, pedindo mais mecanismos de cooperação entre os estados, principalmente nas fronteiras. Os padres sinodais sugeriram que a Igreja criasse uma nova instituição, um “observatório socioambiental pastoral” para enfrentar as ameaças aos direitos humanos sofridas pelos povos da Amazônia (DOMINGUES, 2019c).

A última reportagem, *Veja ponto a ponto as principais análises e propostas do Sínodo da Amazônia* (27/10/2019), apresentou trechos do *Documento final* a respeito dos temas mais importantes discutidos: alerta sobre a destruição da Amazônia, ameaças à vida, migrações, mártires amazônicos, relação com os evangélicos, urbanização da Amazônia, demarcação de terras indígenas, colonialismo, ecologia integral, solidariedade internacional, energias limpas, pecado ecológico, observatório da Igreja, papel da mulher, diaconato feminino, padres casados e o celibato, e rito amazônico (DOMINGUES, 2019i).

No jogo entre paráfrase e polissemia discursiva, em que no processo parafrástico a produtividade se volta ao mesmo espaço dizível (ORLANDI, 2015, p. 35), o *Documento final* do sínodo aponta para a necessidade de criar dispositivos para defender os povos indígenas, por meio da garantia legal de posse dos territórios que habitam e da colaboração entre os estados fronteiriços (DOMINGUES, 2019c). A criatividade discursiva produzida pelo documento, que faz intervir o diferente, cria um movimento que impacta os sujeitos da Pan-Amazônia e os sentidos na sua relação com a história (ORLANDI, 2015, p. 35) ao levantar

ideias como a de criação de um “observatório socioambiental pastoral”, a ordenação de homens casados em casos excepcionais, bem como a discussão sobre o diaconato para mulheres. Isso inaugura novas categorias de compreensão de “conversão” e “pecado” que, doravante, devem pautar as formulações e diálogos teológicos na Igreja a respeito da “conversão ecológica e cultural” para defesa do meio ambiente global, e do “pecado ecológico”, que expressa ações de omissão contra Deus, as pessoas, a comunidade e o ambiente e as próximas gerações (DOMINGUES, 2019c).

Reunião informal do Papa com indígenas

Entre as reportagens que tratam indiretamente do sínodo, está *Papa Francisco faz reunião informal com indígenas no Sínodo da Amazônia* (17/10/2019), de Filipe Domingues, que noticiou o encontro do pontífice com 40 indígenas – alguns, participantes do sínodo, outros, que estavam em Roma em eventos paralelos. Na ocasião, o Papa falou dos perigos de “novas formas de colonização” na região e comentou as origens do cristianismo e sua passagem por diferentes culturas – do mundo hebraico ao greco-latino, passando pelas culturas eslavas, orientais e americanas. Francisco defendeu que todos os povos podem “receber o anúncio de Jesus com sua própria cultura”. Por sua vez, os indígenas solicitaram ao Papa “ajuda para colocar em prática o desejo de garantir uma vida serena e feliz aos [...] povos” e despertar a atenção do mundo para o cuidado a seus territórios e águas, conforme comunicado do Vaticano à imprensa (DOMINGUES, 2019e).

A paráfrase se apresenta como a matriz do sentido do discurso. Sem repetição, não existe sentido nem sustentação no saber discursivo (ORLANDI, 2015, p. 36). Nessa direção, o Papa Francisco alerta contra as ameaças das “novas formas de colonização” que afetam a região Pan-Amazônica (DOMINGUES, 2019e). Ou seja, ele recupera a memória discursiva dos efeitos nocivos da colonização para os latino-americanos e imputa ao termo percepções adaptadas ao contexto contemporâneo. Por sua vez, a polissemia, enquanto fonte da linguagem, possibilita a existência de sentidos múltiplos, e se constitui na coexistência de movimentos diversos de sentido no mesmo objeto simbólico (ORLANDI, 2015, p. 36). Assim, pois, o Papa destacou a diversidade do cristianismo no seu encontro com diferentes culturas e na possibilidade de cada povo “receber o anúncio de Jesus com sua própria cultura” (DOMINGUES, 2019e), em uma inculturação da fé cristã.

Missa em defesa dos pobres e da floresta

Bispos no Sínodo da Amazônia fazem missa 'secreta' para renovar compromisso com defesa dos pobres e da floresta (21/10/2019) de Filipe Domingues tratou da celebração em que ao menos 40 bispos renovaram o chamado *Pacto das Catacumbas* (BEOZZO, 2018) – assinado por alguns bispos nos bastidores do Concílio Vaticano II que se comprometeram a levar uma vida de pobreza e sem privilégios. Liderados pelo cardeal dom Cláudio Hummes, o grupo assumiu o compromisso de defender os pobres, os territórios e a “floresta em pé” na Amazônia. A missa foi celebrada na Catacumba de Domitila, a mesma do pacto original. Participaram representantes das igrejas anglicana e Assembleia de Deus. O novo pacto contém 15 pontos “por uma Igreja com rosto amazônico, pobre e servidora, profética e samaritana” (DOMINGUES, 2019a).

Originalmente, a missa seria celebrada de forma privada. Porém, após reportagem do site católico *Dom Total* e repercussão na imprensa italiana, o Vaticano passou a tratar

abertamente do evento. O documento escrito pelos padres sinodais recebeu dezenas de assinaturas depois do encontro (DOMINGUES, 2019a).

Em uma relação entre paráfrase e polissemia, no confronto entre o simbólico e o político, em que todo dizer se apresenta ideologicamente marcado (ORLANDI, 2015, p. 36), os bispos participantes do sínodo revigoram seu comprometimento com a defesa dos pobres e da floresta a partir de uma dupla ação parafrástica, ao assentarem seu propósito no *Pacto das Catacumbas*, documento redigido na década de 1960, concretizado em uma missa celebrada no local em que o primeiro pacto foi instituído, na Catacumba de Domitila (DOMINGUES, 2019a). Em direção polissêmica, o novo pacto agrega particularidades do âmbito sinodal, voltado para a Pan-Amazônia, a participação de representantes de diferentes denominações cristãs em prol de uma Igreja contextual, “com rosto amazônico” (DOMINGUES, 2019a).

Roubo de estátuas indígenas

O *GI* republicou reportagem da *Reuters* – *Sínodo da Amazônia: ultraconservadores roubam estátua indígena de Igreja e jogam no Rio Tibre em Roma* (22/10/2019) – sobre ato de “grupos ultraconservadores” e críticos ao sínodo contra o que chamaram de “ícone pagão”. O Vaticano afirmou que a imagem tratava de uma representação da “sacralidade da vida”. Os “militantes católicos ultraconservadores admitiram ter roubado estátuas que consideram ser ídolos pagãos da Amazônia [...]. Eles jogaram três imagens iguais, feitas de madeira, no Rio Tibre, em Roma.” Um vídeo postado em mídias católicas conservadoras, como a rede americana *EWTN* e o site *LifeSiteNews* mostraram a ação. A polícia italiana avaliou o caso como furto. O diretor editorial do Vaticano, Andrea Tornielli, entendeu a destruição das estátuas como um “episódio triste” e “um gesto intolerante” de “novos iconoclastas”. As estátuas indígenas, assim como outros artefatos amazônicos, estavam expostas na Igreja de Santa Maria in Traspontina (REUTERS, 2019).

Na tensão entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, na inter-relação na formação dos sujeitos e na produção de sentidos ideologicamente marcados (ORLANDI, 2015, p. 36), chocam-se os sentidos de ordem parafrástica de “grupos ultraconservadores”, avessos aos símbolos de outras formas religiosas e culturais, que furtaram e descartaram estátuas que estavam na Igreja de Santa Maria in Traspontina, tidas como ícones e “ídolos pagãos”, com o sentido polissêmico expresso pelo Vaticano, em uma postura dialógica através da acolhida de símbolos de outra religiosidade, de que as estátuas representavam a “sacralidade da vida”. A ação criminosa de ultraconservadores católicos, sujeitos que, em tese, veneram imagens religiosas, os tornaria, nesse contexto “novos iconoclastas” (REUTERS, 2019).

Considerações finais

O *GI* se concentrou na cobertura informativa do *Sínodo para a Amazônia*. Nenhuma reportagem interpretativa ou texto de opinião foi produzido. Contrariamente à expectativa do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República de que o sínodo criasse tensões no país e influísse sobre a soberania nacional, tal evento não objetivou apresentar soluções técnicas, mas princípios para que os implicados em dada situação encontrem saídas às problemáticas enfrentadas – embora possa denunciar problemas e propor caminhos. O *GI* abordou as questões colocadas pelo sínodo na perspectiva da factualidade dos acontecimentos, conforme discutidos e desdobrados na assembleia dos bispos, sem o fazê-lo com acento crítico aos governantes dos nove países que compõem a região amazônica. Até

mesmo na cobertura das críticas feitas pelo Papa, na missa de abertura do sínodo, às queimadas na Amazônia, o *GI* se limitou a reproduzir o discurso de Francisco, enfatizando que ele não citou nenhum país ou presidente da região.

A cobertura do *GI* deu mais destaque às pautas ambiental e social do que à exclusivamente religiosa. Assim, temas religiosos polêmicos e cuja deliberação dos bispos gerava expectativa aos católicos ao redor do mundo, como a possibilidade de, na região amazônica, se ordenar homens casados, a liderança das mulheres em algumas comunidades e a interação das culturas indígenas nas práticas e ritos católicos, ganharam pouco destaque – mesmo que duas reportagens tenham abordado o *Documento final* e as propostas do sínodo.

A análise de discurso dos textos permitiu perceber que a Igreja católica está posicionada e se posiciona em um lugar de embate contra forças opostas à preservação da Amazônia. Tais forças são, no entanto, presumidas, não ganham corpo nos textos. A exceção ocorre em uma matéria que menciona a preocupação do governo de Jair Bolsonaro com algumas pautas do sínodo sob a alegação de que poderiam interferir na “soberania nacional”. Mas isso é feito não por atores da Igreja, mas pela matéria.

Na luta em prol do meio ambiente, a religião transita entre campos que não são os dela (como o político e o científico), mas que ela traz para si ressignificando-os por meio de operações de paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2015). O “fogo” que traz destruição se contrapõe ao “fogo” bíblico-cristão que a Igreja oferece, fogo esse que simboliza a criação e a vida. O sínodo chama a ciência para o debate por meio da participação direta de um cientista e pela utilização de argumentos de defesa do meio ambiente por parte dos religiosos, os quais se basearam em pesquisas acadêmicas. Atualizando uma relação histórica que nem sempre foi de harmonia, a Igreja tem na ciência uma aliada nessa causa. Não apenas se baseia nela, mas também constrói uma nova relação com a natureza a partir das suas gramáticas próprias. Nesse contexto, surge o “pecado ecológico”. Ou seja, destruir o meio ambiente implica não apenas responsabilidades civis, mas também religiosas.

Outra atualização perceptível a partir do sínodo consiste na relação do catolicismo com o Estado laico. No contexto dos discursos que permeiam o sínodo, a Igreja não nega seu lugar político; pelo contrário, o reafirma. Mas o faz não como outrora, ou seja, como instância que toma decisões junto com os governos sobre a vida dos cidadãos. O passado em que essa prática era comum, na verdade, aparece na voz do Papa como sinônimo de retrocesso, visto que se encara a destruição da floresta como nova “forma de colonização”. O sínodo adota a postura de ter na instituição um espaço de escuta, diálogo e amplificação de vozes populares que, assim, teriam mais força para um agir em conjunto, bem como para chegar e influenciar os atores do campo político. Dessa maneira, apresentam-se na ação discursiva não apenas planos que sugerem como a pauta do meio ambiente devem ser observados pela instituição, mas também um novo modo de ser Igreja adaptado às circunstâncias locais e históricas, um modo que se pautou não pela imposição, mas por uma ação inclusiva.

Referências

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Amazônia:** novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. *Instrumentum laboris* para a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BEOZZO, José Oscar. **Pacto das Catacumbas:** por uma Igreja servidora e pobre. São Paulo: Paulinas, 2018.

CARVALHO NETO, Jovinião Soares de. O Sínodo da Amazônia – um acontecimento definidor. **Cadernos do CEAS**, Salvador, v. 45, n. 249, p. 33-62, jan./abr. 2020. Disponível

em: <https://periodicos.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/620/484>. Acesso em: 20 maio 2020.

CAVALEIRO, Dominique. ‘Momento de diálogo, unidade e comunhão com toda a Igreja’, diz padre Odirley Maia sobre Sínodo da Amazônia, no Vaticano. **G1**, 8 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2019/10/08/momento-de-dialogo-unidade-e-comunhao-com-toda-a-igreja-diz-pe-odirley-maia-sobre-sinodo-da-amazonia-no-vaticano.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2019.

DANTAS, Carolina. Queimadas aumentam 82% em relação ao mesmo período de 2018. **G1**, 19 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/19/queimadas-aumentam-82percent-em-relacao-ao-mesmo-periodo-de-2018.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2019.

DOMINGUES, Filipe. Bispos no Sínodo da Amazônia fazem missa ‘secreta’ para renovar compromisso com defesa dos pobres e da floresta. **G1**, 21 out. 2019a. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/21/bispos-no-sinodo-da-amazonia-fazem-missa-secreta-para-renovar-compromisso-com-defesa-dos-pobres-e-da-floresta.ghtml>. Acesso em: 22 out. 2019.

DOMINGUES, Filipe. Cientista brasileiro no sínodo diz que ‘Amazônia e seus habitantes estão ameaçados de extinção’. **G1**, 9 out. 2019b. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/09/cientista-brasileiro-no-sinodo-diz-que-amazonia-e-seus-habitantes-estao-ameacados-de-extincao.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2019.

DOMINGUES, Filipe. Documento do Sínodo da Amazônia propõe ordenação de homens casados, pede diaconato para mulheres e conceitua ‘pecado ecológico’. **G1**, 26 out. 2019c. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/26/documento-do-sinodo-para-amazonia-propoe-ordenacao-de-homens-casados-pede-diaconato-para-mulheres-e-conceitua-pecado-ecologico.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2019.

DOMINGUES, Filipe. Papa Francisco diz que Amazônia precisa do ‘fogo do amor’ e não do ‘fogo ateadado por interesses que destroem’. **G1**, 6 out. 2019d. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/06/papa-francisco-diz-que-amazonia-precisa-do-fogo-do-amor-e-nao-do-fogo-ateado-por-interesses-que-destroem.ghtml>. Acesso em: 7 out. 2019.

DOMINGUES, Filipe. Papa Francisco faz reunião informal com indígenas no Sínodo da Amazônia. **G1**, 17 out. 2019e. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/17/papa-francisco-faz-reuniao-informal-com-indigenas-no-sinodo-da-amazonia.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2019.

DOMINGUES, Filipe. Participantes do sínodo criticam atividades ‘predatórias’ na Amazônia, diz Vaticano. **G1**, 8 out. 2019f. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/08/participantes-do-sinodo-criticam-atividades-predatorias-na-amazonia-diz-vaticano.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2019.

DOMINGUES, Filipe. Sínodo dos bispos cogita criar estrutura da Igreja para defender direitos humanos na Amazônia. **G1**, 14 out. 2019g. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/14/sinodo-dos-bispos-cogita-criar-estrutura-da-igreja-para-defender-direitos-humanos-na-amazonia.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2019.

DOMINGUES, Filipe. Sínodo dos bispos começa refletindo sobre ‘ameaças à vida’ na Amazônia. **G1**, 7 out. 2019h. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/07/sinodo-dos-bispos-comeca-refletindo-sobre-ameacas-a-vida-na-amazonia.ghtml>. Acesso em: 8 out. 2019.

DOMINGUES, Filipe. Veja ponto a ponto as principais análises e propostas do Sínodo da Amazônia. **G1**, 27 out. 2019i. Disponível em:

<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/27/veja-ponto-a-ponto-as-principais-analises-e-propostas-do-sinodo-da-amazonia.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2019.

ESTADÃO CONTEÚDO. GSI confirma que ‘pontos’ de evento da Igreja católica preocupam governo **Veja**, 11 fev. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/gsi-confirma-que-pontos-de-evento-da-igreja-catolica-preocupam-governo/>. Acesso em: 12 fev. 2019.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si’**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas: 2015.

FRANCISCO. **Querida Amazônia**: exortação apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020.

G1. Globo bate recorde de acessos no digital e passa de 100 milhões de usuários únicos. **G1**, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2018/11/26/grupo-globo-bate-recorde-de-acessos-no-digital-e-passa-de-100-milhoes-de-usuarios-unicos.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2018.

G1. Sínodo dos Bispos sobre a Amazônia: entenda o que está em discussão. **G1**, 6 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/06/sinodo-da-amazonia-comeca-neste-domingo-entenda-o-que-esta-em-discussao.ghtml>. Acesso em: 7 out. 2019.

HUMMES, Cláudio. **O sínodo para a Amazônia**. São Paulo: Paulus, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2012.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PASSOS, João Décio. **A Igreja em saída e a casa comum**: Francisco e os desafios da renovação. São Paulo: Paulinas, 2016.

REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA. **Amazônia**: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento preparatório para a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Brasília, 2018.

REUTERS. Sínodo da Amazônia: ultraconservadores roubam estátua indígena de Igreja e jogam no Rio Tibre em Roma. **G1**, 22 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/22/sinodo-da-amazonia-estatueta-indigena-e-roubada-por-ultraconservadores-de-igreja-em-roma-e-jogada-no-rio-tibre.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2019.

SANTA SÉ. **Amazônia**: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019.

